

## **DEPOIMENTO DO PROF. COLEMAR NATAL E SILVA, PRIMEIRO REITOR DA U.F.G.\***

É mais uma iniciativa relevante e feliz da Magnífica Reitora Maria do Rosário Cassimiro que, vencendo óbices de toda a espécie, vai fazendo, com dedicação, coragem e trabalho construtivo, uma messe de bons frutos, no setor cultural e administrativo.

Com a colaboração e o apoio de sua valorosa equipe, volta, agora, as vistas para a história.

E o que vem a ser, num sentido próprio e real, um centro de memória? — É fonte de história.

O que de mais significativo apresenta, nesse tocante, a conjuntura, ou seja, o estágio cultural do momento, é a existência de um novo conceito da missão da história.

Ela deixou de ser um amontoado frio e amarelecido de peças de arquivo.

Dentro da orientação moderna, fruto do grau mais elevado de cultura e civilização desse fim do século XX, é que se deve compreender melhor o alcance da obra do historiador.

É que hoje, a sua tarefa não se restringe a averiguar e a registrar os fatos materiais do passado: consiste mais em entendê-los, ordená-los e interpretá-los.

Disse muito bem, a propósito, um notável historiador desta geração: "Ao estudar a realidade humana de outras épocas, e ao patentear as relações existentes entre os diversos fatos históricos, o historiador perceberá, cada vez mais, que o seu entendimento do passado é condicionado pela própria situação do tempo.

É a história fixando, através do fato, o espírito do passado, para a melhor compreensão do presente, com vistas à decifração do próprio futuro.

---

\* Discurso proferido pelo Dr. Colemar Natal e Silva, Reitor-Fundador da Universidade Federal de Goiás, na solenidade de inauguração do Centro de Memória da mesma Universidade, em 13/12/83, no Campus II.

Justamente, é o novo conceito que vai justificar, com mais plenitude, a criação do Centro de Memória.

Ele se destina a servir para a elaboração futura da própria história da Universidade.

A 1ª fase está voltada para o passado: era a origem de uma luta inspirada num ideal impetuoso, justificando e impondo a concretização do plano de criação da Universidade.

Procurado pelos estudantes da Faculdade de Direito e da Faculdade de Farmácia e Odontologia, confiaram-me eles, a missão de ser o intérprete de suas aspirações que traduziam a de toda a mocidade estudiosa de Goiás.

"A nossa bandeira é o Senhor", diziam e repetiam, sempre.

Eram cinco as unidades de ensino a pleitear: a Faculdade de Direito, a única federalizada, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola de Engenharia, a Faculdade de Medicina e o Conservatório Goiano de Música.

Foi quando, em contato direto com as suas diretorias e diretórios acadêmicos, promovemos, na Faculdade de Direito da Rua 20, uma primeira reunião, na qual foi fundada e instalada a Comissão Pró-Criação da Universidade Federal de Goiás.

Castro Costa, ao descer do avião, vindo do Rio de Janeiro, onde desempenhava a função de Deputado Federal, viu os cartazes dos estudantes, pelas ruas, pedindo uma Universidade Federal para Goiás.

No desempenho da missão, aclamado presidente da Comissão Pró-Criação, dinamizamos o plano, buscando e obtendo o apoio quer do governador José Feliciano, quer do Presidente do Tribunal de Justiça, Desor Alceu Velasco, quer do então Presidente da Assembléia Legislativa, Iris Rezende Machado, quer da Câmara de Vereadores, quer das diversas associações de classe como a Ordem dos Advogados do Brasil-Seção de Goiás, Associação Goiana de Imprensa, a Associação Comercial, Federações do Comércio e da Indústria e outras.

E partimos para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, buscando contatos, notadamente com o Ministro da Educação, pois o nosso propósito era que o projeto de criação fosse elaborado com observância das normas exigidas.

Voltamos para Goiânia mas, dentro de pouco tempo, chamado ao Rio por Castro Costa, para reforçar os empenhos, às vésperas da reunião convocada para a Comissão de Constituição e Justiça, onde havia um parecer contrário de Pedro Aleixo, lá estivemos fazendo articulações e graças ao voto de Alfredo Nasser, venceu o projeto.

Aprovada a Lei de criação, votada pelo Congresso e sancionada no próprio Palácio das Esmeraldas, aqui em Goiânia, pelo Presidente Juscelino Kubitschek, em ato público, providenciamos, com urgência, a constituição do Conselho Universitário, cujos membros foram colhidos

num salão de baile a rigor, e voltamos na madrugada seguinte a Brasília, com a Ata respectiva, já contendo a lista tríplice para a nomeação do reitor.

A nomeação do 1º Reitor foi feita no último prazo do mandato do Presidente Juscelino, na ante-véspera da posse de Jânio Quadros, o novo Presidente eleito.

Empossado na Reitoria, instalamos a 7 de março de 1961, em sessão solene, no Cine-Teatro Goiânia, a Universidade.



INSTALAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS A 7/03/1961 – LEI Nº 3.834 – C – 14/12/1960 – PUBLICADO NO D.O.U EM 20/12/1960

*Da esquerda para a direita* – Prof. João Teixeira Alvares Neto, Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia; Profa. Belkiss Spencieri Carneiro de Mendonça, Diretora do Conservatório de Música; Prof. Francisco Ludovico de Almeida Neto, Diretor da Faculdade de Medicina; Prof. Paulo Fleury da Silva e Sousa, Diretor da Faculdade de Direito; Prof. Colemar Natal e Silva, Fundador e 1º Reitor da Universidade Federal de Goiás; Dr. Ademar Martins, representante do Presidente Jânio Quadros; Tenente Coronel Mauro Borges Teixeira, Governador do Estado; Deputado José Freire, Presidente da Assembléia Legislativa; Dr. Adalberto, representante do Ministro da Educação e Cultura, Dep. Brígido Tinoco.

Ao fazer a sua instalação, encontramos um vasto campo de ação, onde tudo estava para ser feito, de vez que as unidades incorporadas se ressentiam até de condições mínimas necessárias ao desempenho de seus objetivos.

Ocorreram, nessa fase, novas providências para dar condição ao desempenho funcional das unidades integrantes.

O agrupamento das cadeiras e disciplinas afins, em departamentos, para conjurar a burocracia no ensino e evitar a dispersão de atividades, possibilitando a associação de conhecimento de uma matéria com outras, dando a cada uma a necessária visão, ampla e global dos diversos setores a conhecer, com vistas à obtenção de resultados a serem aplicados em benefício da coletividade, trazendo, além do mais, o mérito de dar oportunidade do contato permanente e conagração de professores, ensejando a intensificação e cultivo do espírito universitário, fator imprescindível à dinamização da Universidade.

Como resultado da estrutura estandarizada da universidade brasileira, devido à adoção generalizada de moldes estrangeiros, não considerada como deveria ser, necessariamente, a nossa própria realidade, a pesquisa estava alienada das condições de nosso País.

A maior iniciativa tomada pela direção, ainda no 1º ano da existência da Universidade, foi a programação da Semana do Planejamento, que sem qualquer dúvida, abriu novas e amplas perspectivas para a instituição, enriquecendo, com farto e proveitoso subsídio a ela trazido, pela equipe de educadores eminentes, conferencistas como Ernesto Oliveira Júnior, Darcy Ribeiro, Walmir Chagas, Agostinho Silva, Benedito Silva, da Fundação Getúlio Vargas e outros.

Nesse certame, foram mencionados, expostos e debatidos múltiplos ângulos da missão universitária:

Temas como "Reforma Universitária na Universidade de Brasília", "Síntese Evolutiva da Escola Superior no Brasil" por Oliveira Júnior, educador emérito, "A Universidade do Futuro, em face da Universidade Presente" . . .

Uma das conclusões que fizemos no encerramento da Semana do Planejamento, foi a de que o impacto do extraordinário progresso cultural, técnico, científico, social e político que caracteriza esta época de alargamento dos horizontes humanos, até às ligações interplanetárias, encontrou a Universidade com uma organização inadequada aos seus próprios fins, obsoleta, e, sob muitos aspectos, superada.

Afirmamos que a Universidade pode e deve ser o centro de transformações pedagógicas e culturais, políticas e sociais, sob a égide da paz, inspirada na cultura, sem concepções ideológicas pré-concebidas.

A Universidade Federal de Goiás inaugura, no Brasil, uma concepção nova de Universidade: centro de elaboração cultural, laboratório de cultura.

A Universidade toda deve agir em cooperação, para o fim comum de criação, descoberta, renovação dinâmica — professor e estudante.

Professor, o que transmite o pronto, o já aprendido, o já descoberto. Estudante, o que recebe estímulo, sob forma de conhecimento para a sua própria aventura de aprender e de dinamizar a cultura .

Entre professores e estudantes estabelece-se uma relação dialética — a experiência que o professor transmite desmistifica-se ao contato com a experiência que, em retorno, dimana do estudante.

Prevista pela própria lei que criou a Universidade Federal, a Reitoria, através de representação, assaz fundamentada, pleiteou a criação da Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras, o que, após intensa luta, veio a ocorrer pelo Decreto 61.582 de 08 de janeiro de 1962.

Os cursos seriam instalados progressivamente: em 1963, funcionariam as primeiras séries dos cursos de Matemática, Física, Pedagogia e Letras Neo-Latinas;

em 1964, as primeiras séries de Química, Geografia, História e Letras Anglo-Germânicas;

em 1965, as primeiras séries dos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Letras Clássicas e História Natural.

A constituição provisória do corpo docente obedeceu ao critério de rigorosa seleção de valores, além da exigência, que foi cumprida em 1962 de que cada um realizasse um estágio em centros especializados do País, ou mesmo do exterior.

Passam a integrar o Centro de Memória, as Resoluções através das quais foram planejadas e instaladas:

a Rádio Universitária, Resolução nº 12, inaugurada, a convite nosso, pelo Presidente Juscelino Kubitschek, o primeiro a usar o microfone, numa eloquente e belíssima mensagem à mocidade estudiosa;

a Escola de Agronomia e Veterinária, aprovado o relatório do grupo de trabalho, instituído para sua criação e instalação;

o Instituto de Microbiologia, Parasitologia e Virologia;

o Colégio Universitário, criado ainda no início de 1962, que funcionou com pleno êxito;

o Instituto de Industrialização Farmacêutica, Resolução aprovada em 1962, órgão de renome nacional e que constitui hoje, uma entidade de utilidade pública;

a Resolução nº 14/62, aprovada pelo Conselho Universitário, criando a Televisão Universitária;

o Centro de Estudos Brasileiros, senão o primeiro do Brasil, um dos primeiros, criado pela Resolução nº 12/62, sendo curioso registrar que, no Japão, em Tóquio, já existia na Universidade Tokeshoc, um Centro de Estudos Brasileiros, dirigido pelo professor Yoshiro Andoc, diretor da Faculdade de Política e Economia;

a criação e instalação, após compra na Itália, do aparelhamento importado, do Serviço Audio-Visual e Documentário, que versou, essencialmente, a ampliação da capacidade didática das diversas unidades integrantes, dotado de uma organização para aplicar o sistema como método de ministração de aulas práticas, ao lado do serviço, também instituído, de Cinema Educativo e de Slides, com uma documentação em moldes altamente técnicos e convenientemente racionalizados;

a Reitoria construiu a sede do serviço, em anexo ao prédio da Faculdade de Medicina;

o Centro de Estudos Latino-Americanos, criado como órgão indispensável para manter intercâmbio com as congêneres da América, foi acolhido com apoio e aplausos de todos os países da América Latina, como comprovam os numerosos expedientes oficiais do acervo.

A convite do Reitor, o Centro foi inaugurado pelo Ministro de Relações Exteriores do Brasil, Santiago Dantas, em sessão solene, no Cine Teatro-Goiânia.

No ramo de assistência estudantil, não se falando nas numerosas criações de bolsas de estudos, cabe referência especial à criação e instalação do Restaurante Universitário.

A maior obra idealizada e planejada pelo 1º Reitor foi a relativa à construção da Cidade Universitária, hoje Campus, aprovada pelo Conselho Universitário, em sessão de 12 de abril de 1962, merecendo destaque a compra da área, o levantamento topográfico planialtimétrico, a organização do programa geral da cidade, na base de um trabalho de pesquisa, para armar a estrutura basilar do funcionamento, sob o critério de funcionalidade, com zoneamento adequado;

a Reitoria criou, na Divisão de Obras, um escritório técnico, ao qual ficaram afetos os trabalhos exigidos pelas obras que depois de paralisados injustificavelmente, foram retomados, com visão e mérito, pelo Ministro da Educação, apoiado "in totum", pelo Reitor Farnese Dias Maciel, com aproveitamento de toda a área de terra adquirida, aproveitados os estudos já feitos, assim como os trabalhos técnicos, depois complementados por novos, em adequação ao plano geral.

A Reitoria criou a Policlínica Dentária — 74/62;

criou o Centro de Medicina Nuclear, fortemente impressionado pelo que o Reitor viu na visita que fez a numerosas Universidades na Europa, notadamente na de Barcelona, na Espanha, quanto à utilização da energia nuclear no campo universitário técnico-científico.

Também idealizou dotar a Faculdade de Medicina deste Centro de Medicina Nuclear, para o que estagiou, o próprio Reitor, por uma semana, na USP.

Obteve o dirigente da Universidade Federal, com o Ministro da Educação, àquela época, Brígido Tinoco, audiência para pleitear apoio, a fim de instalar o referido Centro.

O Ministro objetou: "Reitor, o Senhor está antecipado. Isso depende de muito dinheiro. No Brasil, só São Paulo possui em funcionamento, um núcleo desses."

Para ser fiel, devo repetir o que disse a ele: "Senhor Ministro, eu prefiro ser antecipado do que retardado".

Ofereço ao Centro de Memória, cópia autenticada do expediente sobre o plano dessa criação, através dos entendimentos mantidos a respeito, com o cientista Rogério Campos, autoridade nacional sobre o assunto, notadamente, a propósito da viabilidade do empreendimento, em pequena escala.

O Ministro Brígido, pelo telefone, obteve, com o seu colega Ministro Gabriel Passos, de Minas e Energia, uma verba de Cr\$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros), que a Universidade recebeu e depositou no Banco do Brasil, e sem aplicação, foi recolhida, depois, já pelo Governo Revolucionário, sem explicação;

quanto à Escola de Engenharia, o plano elaborado era para dar ênfase especial ao setor eletrônico, também congelado por economia, após a Revolução.

Magnífica Reitora, Caros Colegas Professores.

Hoje, na conjuntura de crise aguda, que não é só nossa, e sim da Universidade Brasileira, resta formular ardentes votos para que Cristo, que dizem ser brasileiro, nos ajude a sair dessa contingência nacional e conquistar o futuro de desenvolvimento e progresso que nossa Pátria tem o direito de possuir.